



www.delfimsantos.org

[Delfim Santos]

Rui Grácio (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1098-1101.

A morte de Delfim Santos deixou mais limitada nos seus horizontes a vida cultural portuguesa, que tinha nele uma figura inconfundível. São geralmente conhecidas as razões que impediram se cumprisse o destino a que o chamava a sua vocação. Do impedimento beneficiou a nossa escassa literatura pedagógica de feição especulativa sem que, entretanto, a filosofia, ou melhor o filosofar, se apoucasse neste filósofo sem cátedra. Como porventura nenhum outro entre nós, abriu o pensamento em Portugal à problemática espiritual europeia do nosso tempo; e de filosofia se nutriu a sua especulação pedagógica, que ali foi buscar os princípios conformadores da sua progressiva articulação.

Desde muito cedo — imediatamente antes da sua partida para a Europa e muito longe ainda do seu encontro com a antropologia existencial — é possível rastrear nos seus escritos a fundamentação pluralista e a aspiração ou finalidade humanista que re-encontramos posteriormente, mais elaboradas, em *Fundamentação Existencial da Pedagogia* (1946), em *Temática da Formação Humana* (1961) e noutros estudos pedagógicos e psicopedagógicos de mais restritas proporções.

A leitura de Husserl e o ensino de Nicolai Hartmann terão sido decisivos para firmar em Delfim Santos a recusa de todo monismo, quer espiritualista, quer materialista. Precisa-se então o seu pensamento ontológico e metodologicamente pluralista, objetivado na teoria dos quatro estratos ou regiões da realidade, a matéria, a vida, a psique, o espírito, ingredientes fundamentais da constituição do homem que, ele só, «os possui a todos convergentes em atualização no seu corpo próprio» e aos quais correspondem, respetivamente, os princípios da causalidade, da finalidade, da intencionalidade, da liberdade. Nesta organização de ideias se vem inserir a problemática da reflexão axiológica e da filosofia existencial, onde terão encontrado sugestões de resposta as suas reiteradas interrogações acerca da cultura, da educação e do homem: o homem; «o tema mais importante da filosofia contemporânea» (*Meditação sobre a cultura*, 1946).

Delfim Santos defendeu-se expressamente de que a articulação de uma pedagogia de fundamentação existencial fosse um tributo prestado às pressões da moda. O itinerário que vai da fenomenologia às filosofias da existência, aberto por



www.delfimsantos.org

Heidegger, por Jaspers, por Sartre, etc., percorre-o Delfim Santos, suponho, por exigência da sua compleição própria, da situação cultural e política europeia do pós-guerra e, ainda, das responsabilidades do intelectual e do professor que não podia iludir os problemas da formação do homem; mas não os perspectivava de um ponto de vista da necessidade da história como progresso. Assim entendo o seu interesse pela antropologia existencial. De resto, não parece viável pensar o ato educativo independentemente de pressupostos antropológicos, existenciais ou outros, mais ou menos explicitados. Nem promovê-lo independentemente das informações propiciadas pela investigação psicológica.

Nos opúsculos que deixou publicados versando exclusivamente temas de psicologia, Delfim Santos sublinha a necessidade de constituir uma psicologia concreta, ou melhor uma psicologia orientada para a compreensão do concreto humano e por isso afastada da orientação das psicologias naturalistas, atomistas e associacionistas, de tipo explicativo e causalista, de base indutiva e generalizadora. De todas as correntes de investigações psicológicas interessaram-no com primazia os estudos de evolução psicogenética e os de incidência caraterológica. Em oito breves, luminosas páginas fixou a mais bem elaborada síntese pessoal que conheço em língua portuguesa das fases da psicogénese e do problema da adolescência: o ato de divulgar assumia frequentemente em Delfim Santos uma dimensão por assim dizer criadora.

Convicto desde cedo de que nem a física da alma, nem a metafísica da alma interessam à psicologia como ciência, defendeu que a generalização de que ela é capaz é morfológica e não quantitativa, convindo, assim, à psique a aplicação das noções de estrutura, de forma, de totalidade. Daí o seu interesse pela psicologia diferencial de orientação caraterológica, cujas contribuições expôs, desde 1943, aos seus alunos, a médicos, a juristas, ao público em geral. A compreensão da importância de uma psicologia concreta, totalitária e qualitativa temos de articulá-la ainda à sua filosofia de raiz pluralista e antropológica: na ótica de uma pluridiversidade qualitativa do real, à teoria dos estratos em ontologia e à teoria das categorias em gnosiologia, corresponde em antropologia a teoria dos tipos.

A impugnação da legitimidade da redução de todos os conhecimentos humanos a um único tipo de saber, — pois que para Delfim Santos a experiência é sempre modal, e as diferentes regiões do real reclamam categorias interpretativas apropriadas, — explica a sua tentativa original de encontrar para a pedagogia, no plano teórico, um estatuto próprio, igualmente distanciada da pedagogia «científica» e da pedagogia «metafísica», para se constituir como pedagogia «pedagógica», cujo tema ou objeto de reflexão é o ato da aprendizagem, fenómeno radical de que tudo deriva, em qualquer aspeto da formação do homem e da organização do saber. Assim, a pedagogia não se estrutura como setor de conhecimento ao nível de qualquer dos outros. Na árvore das ciências não é ramo derivado, mas raiz: as ciências da natureza



www.delfimsantos.org

e as ciências do espírito (à dicotomia de Dilthey veio a atribuir Delfim Santos mero valor didático e metodológico) é que seriam derivadas da pedagogia, desta sorte nobilitada por sua posição na enciclopédia do saber e à qual o pedagogo e pedagogo deu também nobreza na concreta ação docente, na cátedra e na praça pública, onde terá experimentado, a par de deceções amargas, um pouco daquela alegria proveniente, como disse evocando Pestalozzi, de ter contribuído para o feito mais nobre que o homem até hoje se propôs: educar.

Educar, ou seja, humanizar o homem, «o homem que se busca e se nos mostra no que é ainda inseguro e indefinido, tendendo para um nível de afirmação que se chama personalidade» (*Fund. Exist. da Pedag.*). A personalização do educando orientada pelo educador tem de processar-se no respeito do seu caráter, pois que o homem está no mundo para ser o melhor possível aquilo que pode ser e o ato pedagógico não deve propor-se tornar o homem inautenticamente idêntico aos outros, mas autenticamente diferente dos outros. A formação pessoal processa-se no desvendamento das coisas, dos outros e de si mesmo. Na relação com as coisas o homem propende a dispô-las ao seu serviço e a fixar por analogia, no foro da operação prática como no do conhecimento interessado, aquilo que as identifica. A relação com os outros reclama outro tipo de estruturação além da analogia com aquilo que cada um de si conhece: o outro não é apenas um *outro eu*, é também um *não-eu*, e tratá-lo com os critérios de utilidade que servem ao senhorio das coisas é diminuí-los na sua existência: «o descobrimento da personalidade de cada um na sua mais autêntica e mais funda manifestação realiza-se sempre em função do outro a que damos a dignidade do 'tu'» (*Temática da Formação Humana*).

O pensamento pedagógico de Delfim Santos não foi apenas especulativo, mas interveniente, tentando de diversos modos sensibilizar as autoridades educativas, o professorado, a opinião para o reconhecimento da necessidade de uma remodelação das estruturas básicas do ensino nacional ~~e de atribuição de fins diversos dos vigentes à vida escolar em seus diferentes escalões e setores~~. Convicto de ser o problema da educação o problema fundamental da existência humana e a escola um lugar de revelação do homem a si mesmo, onde o escolar deve ser ajudado a dar forma inconfundível à sua existência, entendia que «a principal missão do Estado consiste em cultivar e desenvolver, na sua integralidade, as capacidades de todos os homens» (*A Lição de Pestalozzi*, 1946) e que o problema educativo é o único e suficientemente fundamento moral da existência do Estado como Estado.

Há muitos anos que vinha preconizando uma maior diferenciação escolar a partir de um ensino primário prolongado, a criação de escolas polivalentes de orientação organizadas em vista da prospeção das aptidões, dos interesses, da vocação pessoal dos alunos, a orientar por critérios alheios ao poder, ao capricho, à mal fundada informação, ou à indigência ou pobreza das famílias; a criação de escolas de continuação conformadas por adequada finalidade cultural e social de maneira a



www.delfimsantos.org

evitar, além do mais, a existência de um ensino técnico vivendo da imitação do ensino liceal, como este vive da imitação do ensino superior. Preconizou, em suma, uma orgânica escolar inspirada numa pedagogia de intenção formativa ou *gerante* para usar a expressão sua em elucidação felicíssima do mais fundo sentido do termo *cultural geral*: «o domínio do saber que gera, que é gerante de nova interrogação e que a provisória resposta sempre acorda. Cultural geral é, portanto, o exercício do saber geratriz dele próprio e daquele que o vai adquirindo, e que servirá de suporte à autêntica cultura de cada um, que não é a que passivamente se recebe, mas a que se vai recriando ao nível da própria formação» (*Formação de Professores*, 1958).

A certas dúvidas ou objeções de pormenor que lhe levantavam em colóquios congressos, e outras situações congêneres, respondia às vezes com viva impaciência ou mal velada ironia: sem a reorganização do serviço nacional da educação, sem a criação de um organismo superior de coordenação dos serviços educativos, sem a formação adequada dos professores, «a nossa tarefa é inglória e inútil qualquer otimismo» (*I Congresso Nacional de Saúde Mental*, 1960). Remodelar o regime da formação dos professores era para Delfim Santos urgência cuja radicalidade e premência decerto logo sentiu de maneira mais vincada quando assumiu funções docentes universitárias no domínio das ciências pedagógicas. De entre os problemas da orgânica pedagógica nacional esse dominou as suas preocupações no termo de uma existência breve demais para ver consumados alguns dos projetos que acalentava, mas vivida em termos de lhe caber o que deixou dito Rousseau: «O homem que mais viveu não é o homem que contou maior número de dias, senão o que mais sentiu a vida».

Deste homem que se não inautenticou nem na vulgaridade, nem na solidão, mas não pertencia a nenhuma igreja, nem a nenhum partido, se pode dizer que não formou uma escola, nem deixou discípulos dignos de si, como ele foi digno dos mestres que teve. A constatação é amarga, e porventura inquietante a resposta às interrogações que ela suscita. Ignoro qual seria a de Delfim Santos, se acaso aceitasse a diagnose. «Aqueles que conquistam a existência autêntica, ou dela têm fundo sinal, também não podem libertar-se totalmente da inautenticidade, porque a vida obriga a manter com ela relação» (*Sentido Existencial da Angústia*, 1952).

~~Se todos vivemos situados nos limites que nos marca a condição de homens, que havemos de fazer para superar os que se acrescentam circunstancialmente a essa?~~

Rui Grácio

~~texto cortado pela censura prévia~~